

SAÚDE EM RISCO

Arnaldo Bernardino Alves

A economia globalizada e o avanço das tecnologias registrado na última década não trouxeram a tranquilidade necessária aos trabalhadores brasileiros. Pelo contrário, foram todos lançados em uma competição cada vez mais feroz em que a automação reduziu o número de vagas principalmente nas indústrias brasileiras. Na área de saúde a situação não é diferente. O avanço tecnológico não trouxe a tranquilidade necessária para o trabalho médico, em especial o médico brasileiro. O rápido crescimento populacional dos últimos anos no Distrito Federal e o inchaço acentuado na região do Entorno, estão obrigando os profissionais de saúde a ampliarem suas jornadas de trabalho para atender uma demanda cada vez maior.

O trabalho médico nunca foi tão aviltado. O médico ganha mal, trabalha demais e ainda corre o risco de apanhar dos pacientes que esperam até cinco horas por uma consulta nas emergências dos hospitais. Pesquisa apresentada semana passada pela Confederação Médica Brasileira, revela que 53,36% dos médicos entrevistados sofreram algum tipo de ameaça durante os atendimentos nos hospitais, 14,29% foram agredidos fisicamente.

No ano passado, 13.500 pacientes foram atendidos diariamente nos hospitais e postos de saúde da FHDF, totalizando 4,8 milhões pessoas durante o ano. Ou seja, são 562,2 pacientes por hora e 9,4 por minuto. Em algumas emergências, como do Hospital Regional da Ceilândia, o atendimento é feito por uma equipe de apenas cinco plantonistas. A Fundação Hospitalar do Distrito Federal tenta recompor seu quadro de servidores por meio de concurso público. Existem 1.766 vagas, mas apenas 350 médicos aceitaram trabalhar por um salário de R\$ 1.280,00 para 20 horas semanais. O déficit de profissionais vai continuar. O quadro fixo de médicos contratados da FHDF é de 2.359, sendo que existem em Brasília, com registro no CRM, 6.186 médicos ativos.

Para garantir a sobrevivência dele e de sua família, o médico precisa buscar a complementação salarial nos convênios. Ficam sujeitos a um credenciamento que prende o doutor a uma empresa de saúde. O médico arca com todo o investimento em consultório e empresta seu nome para engrossar as listas de profissionais das cadernetas dos planos de saúde, sem nenhum vínculo, sem nenhuma garantia, sem

nenhum retorno. São escravizados e ficam à mercê das empresas que podem descartar o médico, através de descredenciamento, sem qualquer aviso prévio. Sem hora para descanso, lazer e nenhum tempo para dedicar à família, os médicos estão cada vez mais estressados, com alto índice de doenças ocupacionais sobrecarregando os médicos de plantão e, conseqüentemente, prejudicando o paciente que fica mais tempo aguardando atendimento.

Além de responder pela falta de leitos, falta de medicamentos equipamentos obsoletos e o número reduzido de médicos para atender a demanda, ainda somos obrigados a conviver com o desvio de verbas destinadas à saúde. Não é nenhuma novidade que os recursos para a área, com frequência, incentivam práticas irregulares

de autoridades municipais e estaduais que têm utilizado verbas da saúde para despesas diversas, que incluem desde a confecção de placas comemorativas e arranjos florais até festas populares. Sem falar dos políticos que usam a medicina como moeda eleitoral em época de campanha. E se os recursos não forem controlados, continuarão a servir de "caixinha para eleger políticos em vários cantos do país".

Há três anos tramita no Congresso Nacional um Projeto de Lei para elevar o piso salarial do médico de R\$ 453,00 para R\$ 1.333,37. Onde estão os representantes

da classe eleitos que não se manifestam? A era é da apatia. Governantes e governados, chefes e subordinados estão amarrados à espera de um milagre. Como médicos, sabemos que milagres não existem. Para garantir resultados é preciso disciplina, trabalho, tecnologia e esforço contínuo. Mas no caso da saúde, é preciso também vontade política, discussões, debates e manifestações na busca de soluções dos problemas da comunidade.

Os médicos ganham mal, trabalham em excesso, mas estão sempre prontos para garantir a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro. Queremos contar com o apoio da comunidade que atendemos, dos políticos que nos representam e usufruem de nosso trabalho e dos governantes responsáveis pelas políticas públicas. O desafio está lançado. Não podemos fechar os olhos para a realidade.

■ Arnaldo Bernardino Alves é médico ginecologista-obstetra, presidente do Sindicato dos Médicos do DF e vice-presidente da Confederação Médica Brasileira